

IMAGENS DE INFÂNCIA EM *PETER PAN* DE JAMES BARRIE

CHILDHOOD IMAGES IN *PETER PAN* BY JAMES BARRIE

Bianca Serafim Gaspar¹

Richarles Souza de Carvalho²

RESUMO: O presente artigo busca fazer uma análise da obra *Peter Pan*, de James Matthew Barrie. Procura-se verificar mediante um trabalho de interpretação de que maneira a criança e sua infância são representadas na obra, justamente quando a sociedade (século XIX) começa a ter um novo olhar em relação à infância. O referencial teórico demonstra de que maneira a criança era representada nas artes e na literatura e as mudanças ocorridas no decorrer dos séculos. Foram construídas duas expressões que ajudam a entender como a infância é descrita no livro: “infância garantida” e “não infância”. Também foi possível perceber que a obra continua atual devido à relevante temática que ela oferece.

PALAVRAS CHAVE: Literatura. Infância. Peter Pan.

ABSTRACT: This work aims at analyzing the book *Peter Pan* by James Matthew Barrie. Throughout a comprehension research it is verified how children and childhood are represented in the book, especially when society (XIX century) begins to see childhood differently. Theoretical background shows how children were represented in arts and literature and the changes that occurred during the centuries. Some expressions were constructed in this paper in order to help understand how childhood is described in the book: “guaranteed childhood” and “non childhood”. It was also possible to realize that this book is still modern due to its relevant thematic.

KEYWORDS: Literature. Childhood. Peter Pan.

1 INTRODUÇÃO

A obra *Peter Pan*, de James Matthew Barrie, é considerada um clássico da literatura infantojuvenil universal e trata da história de um menino chamado Peter que “não queria crescer”. Certa feita, ele sai da Terra do Nunca em busca de aventuras. Em uma dessas

¹ Pedagoga pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.

² Doutor em Ciências da Linguagem. Professor do curso de Pedagogia da UNESC.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº1, janeiro/junho 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

aventuras ele perde sua sombra na casa da família Darling. A partir deste momento, acontece algo que os pais nunca imaginariam: seus filhos saem voando com Peter...

No decorrer da narrativa os personagens, por meio da imaginação, vivem aventuras que somente as crianças que acreditam na Terra do Nunca podem presenciar. Por meio da apreciação da obra, buscamos a compreensão de como a criança e sua infância são representadas no enredo da história.

Partindo do problema de pesquisa “quais as concepções de infância em *Peter Pan* de James Matthew Barrie?”, eis algumas perguntas que servem como pano-de-fundo para este artigo: Que personagens da obra apresentam características admitidas como infantis? Por se tratar de uma obra literária, qual a relação entre seu contexto de produção e seu enredo? e Quais contribuições a análise pode oferecer para os estudos sobre a infância? O artigo conta como principais referências os seguintes autores: Philippe Ariès, Jacinto Manuel Sarmiento e Sonia Kramer.

Primeiramente, identificar-se-ão as concepções de infância presentes na história, iniciando com o primeiro subtema que é a representação da criança e da infância. Em seguida, será explanado como essas mudanças refletem em obras artísticas, principalmente na literatura. O reflexo das concepções de infância na literatura revela que através da literatura podemos identificar os processos de mudança em relação à criança e à infância.

A seção “A não infância em *Peter Pan*” apresentará momentos em que a criança e sua infância são caracterizadas pela concepção do “adulto em miniatura” e o desmerecimento do imaginário infantil. Logo após, será apresentada “A infância garantida em *Peter Pan*”, com demonstrações de excertos do livro nos quais a criança tem sua infância garantida de fato, com suas traquinagens, ludicidade e imaginação.

2 REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA E DA INFÂNCIA

Esta seção pretende abordar alguns conceitos acerca das concepções de infância, fazendo uma análise da historicidade de como ocorreu seu processo de reconhecimento e também problematizando a maneira como a infância pode ser entendida nos dias atuais.

Durante séculos a criança foi representada de várias formas, mas em alguns casos foi deixado de lado o primordial que era a garantia do seu bem-estar. Fica evidente a importância da infância de uma criança, conquanto é a partir deste período da vida que se inicia o processo de construção de identidade de uma pessoa.

Donzelot (1986, p. 33) afirma que “em meados do ano de 1865 veio a surgir em Paris, o fundamental programa de assistência e proteção à infância, iniciando dessa forma, certos cuidados médicos visando à proteção e auxílio à família e a valorização da infância”. Assim sendo, as crianças e sua infância começam a ser reconhecidas e valorizadas. Haja vista que as famílias com crianças não atribuíam o devido valor à infância; não havia um sentimento em relação à infância.

Neste sentido, argumenta Ariès (1981, p. 56): “Ninguém pensava em conservar o retrato de uma criança que tivesse sobrevivido e se tornado adulta ou que tivesse morrido pequena. No primeiro caso, a infância era apenas uma fase sem importância”. Na sociedade e no ambiente familiar não havia uma aceitação em relação à criança. Havia uma inexistência sociológica da criança e de sua infância. Pode-se dizer ainda que o termo infância foi durante muito tempo desconhecido, pois havia a “criança biológica”, mas não atribuíam a esse período a atenção necessária, como afirma Ariès (1981, p. 65):

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento particularmente numerosos e significativos foram percebidos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII. (ARIÈS, 1981, p. 65).

Tinha-se a infância como um período desfavorável em relação à vida adulta. A criança era apenas um ser biológico que não podia expressar sua espontaneidade, criatividade ou até mesmo sua irreverência. É importante ressaltar alguns apontamentos de transformações sociais que ocorreram em relação às percepções e às concepções de infância.

Cada período da história representa características referentes às concepções que se tinha em relação à infância. Pode-se afirmar com segurança que a cultura influencia muito nas concepções de infância, sendo possível identificar que dentro de uma determinada cultura encontram-se diferentes concepções em relação à infância. Isso varia por alguns motivos, tais

como: classe social, diferenças étnicas e diferenças religiosas (SARMENTO, 2003). Desta maneira, é de grande importância a análise do contexto histórico para que saibamos identificar alguns fatores que revelam de que maneira a infância é entendida.

3 INFÂNCIA NAS ARTES

Há muito tempo a criança e sua infância são representadas de várias formas. Essas representações são perceptíveis nas artes como a pintura e a literatura; esta última objeto de pesquisa deste trabalho. Por enquanto, trataremos da arte icônica.

Algumas pinturas evidenciam de que maneira a infância (suas concepções) era vivida e compreendida no âmbito social em que a criança estava inserida. Para ilustrar, vejamos o quadro de Velásquez a seguir o qual demonstra como a criança estava inserida no mundo adulto. Fica até mesmo difícil identificar quem são crianças, adolescentes ou adultos:

Figura 1 - *Las Meninas* (Diego Velásquez – 1656)



Fonte: Disponível em: <<http://www.diego-velazquez.org/las-meninas.jsp#prettyPhoto>> Acesso em 11 abr. 2016.

A partir da observação desta pintura, é possível afirmar que a representação da criança mudou muito no decorrer dos séculos. Cada período da história humana apresenta uma representação de criança. No caso do quadro acima (séc. XVII) é possível citar o termo cunhado por Ariès (1981), o “adulto em miniatura”.

Atualmente, podemos perceber que ainda temos resquícios da concepção do adulto em miniatura. Existem, por exemplo, concursos de beleza para crianças as quais são caracterizadas como adultos, usam maquiagem, copiam as indumentárias dos adultos, enfim, mimetizam uma vida que ainda não lhes pertence.

Existem diversas possibilidades de entender a criança e sua infância, possibilidades que muitas vezes são impostas pelo mundo adulto. Nessa perspectiva de representação da infância, muito bem aponta Ariès (1981, p. 69):

O traje da época comprova o quanto a infância era então pouco particularizada na vida real. Assim que a criança deixava os cueiros, ou seja, a faixa de tecido enrolada em torno de seu corpo, ela era vestida como os outros homens e mulheres de sua condição.

Conforme argumentado, é possível identificar que uma das formas de representação da infância de uma criança como adulto em miniatura é uma espécie de “interrupção da infância”, pois as crianças deveriam se comportar como adultas não somente em suas vestimentas, mas também em suas atitudes.

As representações de forma geral são a reprodução de uma determinada circunstância ou concepção. Portanto, a maneira como as crianças eram representadas em obras artísticas, retratava de que forma elas estavam sendo vistas em determinada sociedade, cultura e século. Segundo Ariès (1981, p. 51), “até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens em tamanho reduzido”.

Existiram durante séculos muitas representações da criança que expressavam as concepções de infância construídas esteticamente. Segundo Ariès (1981), a partir do final do século XVII é que as crianças começam a ser percebidas sociologicamente como crianças, pois, dentre outras coisas, vestiam roupas ideais para sua idade. Este foi um fato de suma

importância, pois começava-se a perceber algumas mudanças em relação às representações da criança.

Como já mencionado anteriormente, o ambiente social em que a criança está inserida interfere diretamente na concepção de infância que é presenciada e vivenciada. Nesta perspectiva, uma concepção de infância retrata nuances de uma sociedade que por sua vez pode estar em mudança e transformação de ideias.

É importante conhecer esses fatores que correspondem a conceitos e concepções de outrora sobre a infância, pois é possível estabelecer desta forma relações entre estes conceitos e as atuais formas de se olhar para a infância. A análise da representação da criança ao longo da história é uma verificação de mudanças que foram ocorrendo gradativamente, por isso é possível identificar os paradigmas que foram quebrados também em obras artísticas.

4 INFÂNCIA NA LITERATURA

Em nossa contemporaneidade pode-se dizer que a criança, em certa medida, tem garantida sua infância. Há exceções, mas percebe-se uma tentativa de valorizar a infância e seus direitos, de manter sua espontaneidade, bem-estar, saúde, brincar e estudar.

Nas artes em geral, bem como na literatura, é possível identificar a mudança que ocorreu em relação ao reconhecimento da infância e da criança; antes a criança era percebida somente como um “ser biológico”, após um tempo começou a ocupar lugar importante na família e na sociedade, e passou a ter destaque como personagem principal em obras literárias.

Alice no país das maravilhas de Lewis Carroll, *As aventuras de Tom Sawyer* de Mark Twain e *Sítio do pica-pau amarelo* de Monteiro Lobato são algumas das obras “divisoras de águas” na literatura porque com elas podemos perceber o processo de mudança social em relação à concepção de infância. (KHÉDE, 1986).

Como mencionado anteriormente, a criança era percebida apenas como um ser biológico, não havia o reconhecimento da criança em suas especificidades, pois suas necessidades básicas não eram supridas. Havia um grande índice de mortalidade infantil, por exemplo. Atualmente, por exemplo, há assistência médica de profissionais capacitados para os

cuidados com a criança. Com o avanço de tecnologias e da ciência em diferentes áreas é possível identificar que a criança é percebida como membro da sociedade.

Como um desdobramento da máxima de que a ciência é o critério da verdade, ao especialista é conferida a autoridade da produção de “verdades” sobre a educação da criança na época moderna. Portanto, o psicólogo, o psicopedagogo, o fonoaudiólogo, o psicomotricista, o pediatra e até mesmo os profissionais da mídia assumem a função de caracterizar a criança e suas necessidades, definindo metas para sua educação e seu desenvolvimento. (KRAMER; LEITE; LOPES, 2003, p. 3).

Pode-se dizer que existem várias condições sociais que atravessam essas concepções, tanto de forma negativa quanto positiva. É importante destacar que as mudanças que ocorreram em alguns casos, no decorrer os séculos, são de extrema importância, pois possibilitaram que chegássemos às concepções que existem na sociedade atual.

Todavia, as concepções de infância na atualidade não devem ser percebidas de forma homogênea como se todas as crianças tivessem sua infância e seus direitos garantidos. Como membros de uma sociedade desigual, sabemos que existem diferenças econômicas e familiares que acabam diferenciando também as infâncias.

As obras literárias com suas diversidades de temas e abordagens têm a capacidade de levar o leitor a uma ampliação de conhecimentos como determinados assuntos desconhecidos que passam a ser aprendidos. Nos enredos de livros literários em que os personagens vivem aventuras surreais o leitor tem a capacidade de viajar a mundos encantados. A literatura possibilita ao leitor experiências que talvez em sua vida cotidiana jamais poderiam ser alcançadas.

A literatura é uma representação artística de um determinado posicionamento histórico e cultural. O autor cria e recria fatos da história que podem já ter sido vivenciados pelo leitor. Conforme Cademartori (1995, p. 23),

a obra literária recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o do ponto de vista do narrador ou do poeta. Sendo assim, manifesta, através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo. Veículo do patrimônio cultural da humanidade, a literatura se caracteriza, a cada obra, pela proposição de novos conceitos que provocam uma subversão do já estabelecido.

Portanto, conforme a autora, a literatura tem a capacidade de conduzir o leitor a

uma ampliação do imaginário, mas também estabelecer ligação com o real, mesmo que este real seja tornado ficção. Da mesma forma que um escritor recria fatos de sua realidade, a literatura, como obra artística, proporciona possibilidades de recriação de fatos e acontecimentos, levando a possíveis mudanças de ideologias.

Em virtude disso, a literatura desempenha um papel fundamental na sociedade, ela possibilita que o leitor seja crítico, como afirma Coelho (2000, p. 15): “A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação.” Mediante o que foi exposto pela autora, a literatura e o ato de estar em contato com gêneros literários possibilita ao leitor, seja criança ou não, uma ampliação de seu universo cultural e um redimensionamento ideológico.

A literatura infantojuvenil – gênero que atende crianças e jovens – não é inferior aos demais gêneros literários. Khéde (1986) explica que os personagens dentro de um determinado contexto acabam, de alguma forma, transmitindo valores e reflexões ao leitor. Neste caso, a criança e o jovem leitor, por estarem em processo de formação, podem assimilar características dos personagens das histórias. Mas e se o personagem for mau? Ainda assim, pelo exemplo às avessas, pode acontecer um aprendizado.

De fato, a literatura infantojuvenil tem papel fundamental na construção humana, transmite valores, amplia conhecimentos, proporciona a possibilidade de imergir em mundos imaginários, aprimorar conhecimentos e valores culturais. De acordo com Yunes e Pondé (1988, p. 39), “a literatura é a porta de um mundo autônomo que ultrapassa a última página do livro e permanece no leitor.” A literatura proporciona ao leitor muito mais do que a simples oportunidade de estar em contato com histórias, também a possibilidade de ampliar vários aspectos importantes para a formação humana.

Existem os grandes clássicos literários, aqueles que marcam história, que retratam aspectos e determinadas concepções de uma época, os que ficam na memória dos adultos que um dia foram crianças. E os grandes clássicos da literatura também registram mudanças históricas e ideológicas. Um desses clássicos é *Peter Pan* de James Barrie, o qual até hoje permanece como objeto de especulações e curiosidades, e que nos serve como elemento de análise para este artigo.

5 A NÃO INFÂNCIA EM *PETER PAN*

A análise da obra de James Barrie busca a compreensão de que forma o social acabou por influenciar a produção de uma obra artística. Antes da versão final do livro *Peter Pan*, publicado no ano de 1911, o autor publicou um romance intitulado *The Little White Bird*, em que o personagem Peter aparece pela primeira vez, em 1902. Nos dois anos seguintes, ou seja, até 1904, o autor escreveu uma peça chamada *Peter Pan, or the boy Who Wouldn'T Grow Up*³.

Peter Pan é um dos clássicos universais da literatura infantojuvenil e nos mostra a criança representada como criança de fato, com suas traquinagens, brincadeiras, irreverências, imaginação e criação.

O autor da obra, James Matthew Barrie, nasceu na Escócia, em 9 de maio de 1860 (BARRIE, 2012). A edição que aqui é analisada trata-se de uma edição traduzida, comentada e ilustrada da editora Zahar.

Para iniciarmos esta parte da análise – a não infância em *Peter Pan* – apresentamos o seguinte trecho do livro:

Toda criança se sente assim da primeira vez que é tratada com injustiça. Quando a criança se aproxima de você, querendo se entregar a você, a única coisa que ela pensa que merece é um tratamento justo. Depois que você for injusto com ela, ela vai voltar a amá-lo, mas nunca mais vai voltar a ser a mesma criança. (BARRIE, 2012, p. 129).

O autor de alguma forma está sugerindo uma reflexão sobre a maneira como enxergamos a criança e sua infância. Dependendo da maneira como nós adultos direcionarmos nosso olhar, isso poderá afetar diretamente a criança.

O texto da obra nos revela cenas nas quais podemos perceber a concepção do adulto em miniatura, em que a criança é representada como adulto. Numa destas cenas o autor descreve uma personagem da história como uma anãzinha.

E assim tinham deliciosas sessões de dança, para as quais a única outra empregada, Lisa, às vezes era convidada. Ela parecia uma anãzinha com a saia comprida e a touca do uniforme, embora houvesse jurado, quando fora contratada, que passara dos dez anos há muito tempo. (BARRIE, 2012, p. 36).

³ Dados retirados da cronologia oferecida na edição de 2012 do livro *Peter Pan* (BARRIE, 2012).

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº1, janeiro/junho 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

Pode-se afirmar assim que, nas entrelinhas da história, detalhes da representação da criança estão ali presentes. No excerto acima, os próprios personagens da história revelam que não sabem fazer a diferenciação de quando se trata de uma criança ou de um adulto.

Senhora Darling, todas as noites, organizava os pensamentos dos seus filhos e isso “só as boas mães fazem.” Elas tiram o que não é bom, como se estivessem organizando gavetas, deixando somente as coisas boas e prontas, para que esses pensamentos possam ser usados no dia seguinte. Neste caso a criança é desconsiderada em relação a sua capacidade de imaginação e criação, não pode ser crítica ou criativa, as coisas devem ser prontas. “Esse sentimento podia muito bem se acomodar à indiferença com relação à personalidade essencial e definitiva da criança.” (ARIÈS, 1981, p. 58). Assim, a capacidade de criação e de imaginação da criança está sendo controlada pelo mundo adulto, a essência da personalidade da criança está sendo moldada de acordo com que a Sra. Darling acreditava ser o ideal para seus filhos.

Em outro momento da história, podemos ler sobre o pensamento dos personagens em relação à capacidade de imaginação das crianças:

A Sra. Darling acreditara em Peter Pan na época, mas, agora que era casada e cheia de bom senso, duvidava muito que tal pessoa existisse.

– Além do mais – ela disse para Wendy –, ele já deve ter ficado grande.

– Ah não, ele não é grande – garantiu Wendy, com toda a segurança – É exatamente do meu tamanho.

Ela quis dizer que Peter era do seu tamanho tanto em termos de mente quanto em termos de corpo. Wendy não sabia como sabia disso; só que sabia. A Sra. Darling consultou o Sr. Darling, mas ele deu um sorriso de pouco caso.

– Pode ter certeza – disse ele – que isso é coisa que Naná está enfiando na cabeça deles. É exatamente o tipo de ideia que um cachorro teria. (BARRIE, 2012, p. 116).

Em algumas circunstâncias da história, o imaginário infantil é controlado pelo mundo adulto, outrora é ignorado. São trechos do livro que nos mostram uma certa concepção de infância da época que corresponde ao que estamos chamando na verdade de “não infância.”

Em relação à indumentária, pode-se dizer que o livro nos revela cenas de um processo de mudança do traje infantil. Barrie narra que Sra. Darling, percebendo que seus três

filhos estavam dormindo, resolveu costurar camisas para Miguel, pois este faria aniversário. Assim, deveria passar a usar roupas adequadas para sua nova idade. Ariès explica (1981, p. 78):

Tornou-se impossível distinguir um menino de uma menina antes dos quatro ou cinco anos, esse hábito se fixou de maneira definitiva durante cerca de dois séculos [sic]. Por volta de 1770, os meninos deixaram de usar o vestido com gola. Antes dessa idade, porém, eles eram vestidos como meninas, e isso continuaria até o fim do século XIX.

Dessa maneira, percebe-se que as crianças e sua infância eram ainda pouco particularizadas no fim do século XIX, período este em que *Peter Pan* foi escrito. Em relação a questões de gênero, também conforme Ariès (1981), meninos e meninas demoram um pouco mais para ter suas especificidades garantidas.

Ao mesmo tempo, existe uma mudança em relação à criança e sua infância. Ainda existem resquícios da concepção do adulto em miniatura que acabam sendo revelados em trechos do livro. Um desses trechos é aquele em que a personagem Wendy, mesmo sendo criança, exerce a figura materna, sendo mãe dos meninos perdidos e realizando atividades domésticas. “Uma precocidade explicada por uma educação que treinava as meninas para que se comportassem desde muito cedo como adultas”. (ARIÈS, 1981, p. 189-190).

De fato, Wendy exercia na história (mesmo que fosse somente no imaginário dos meninos perdidos) um papel de mãe, uma das características da concepção do adulto em miniatura. Um dos momentos em que Wendy é caracterizada como mãe dos meninos foi quando Peter exclamou: “eu finalmente trouxe uma mãe para vocês todos”. (BARRIE, 2012, p. 98). Barrie (2012) ainda escreve que Wendy costurava as meias, colocava forros nas roupas dos meninos, principalmente nos joelhos e exclamava que sortudo é aquele que não tem filhos. Wendy, Peter Pan e os meninos perdidos formavam uma família. Através do faz de conta, para os meninos perdidos, Wendy foi a mãe que eles sempre quiseram ter, mesmo sendo uma criança como eles.

6 INFÂNCIA GARANTIDA EM *PETER PAN*

O que entendemos por infância garantida? Esta parte do artigo atende ao objetivo de mostrar esses momentos do livro *Peter Pan* em que as crianças foram capazes de terem sua infância. A obra caracteriza esse processo de mudança em relação à criança e sua infância, mostrando que a criança tem a necessidade de ter uma posição definida no meio em que está inserida. O lúdico e o imaginário da criança são capazes de transformar o indivíduo, e um clássico literário, como o que está sendo analisado neste artigo, nos revela a importância desses elementos na construção de identidades em uma cultura. Uma coisa é certa: aquelas crianças viveram grandes aventuras.

De todas as ilhas deliciosas que existem, a Terra do Nunca é a mais aconchegante e compacta; não é grande e espalhada, sabe? Com aquelas distâncias chatas entre uma aventura e outra. É bem apertadinha. Quando você brinca nela durante o dia, usando as cadeiras e a toalha de mesa, ela não é nem um pouco assustadora. Mas, nos dois minutos antes de você ir dormir, ela fica quase, quase real. (BARRIE, 2012, p. 38).

A brincadeira de faz de conta torna-se quase real quando se é criança. Quem nunca imaginou quando era criança que vivia em mundos encantados? Estes momentos são indispensáveis à infância e o livro revela de forma magnífica tal período, justamente quando a sociedade começa a observar a criança e sua infância de maneira diferente.

Barrie descreve a Terra do Nunca como um lugar em que todos nós já estivemos, exatamente talvez porque um dia fomos crianças: “Nessas praias mágicas as crianças sempre irão ancorar seus barquinhos. Nós também já estivemos lá; ainda podemos ouvir o barulho das ondas, mas nunca mais vamos desembarcar.” (BARRIE, 2012, p. 38). Uma vez mais o autor narra a capacidade de imaginação que a criança tem e que nós, adultos, acabamos perdendo com o passar dos anos, ou muitas vezes o mundo adulto acaba rompendo essa ligação que a criança tem com o lúdico.

Os médicos às vezes fazem mapas de outras partes de você, e o seu mapa pode se tornar bastante interessante. Mas olhe o que acontece quando eles tentam fazer um mapa da mente de uma criança, que, além de ser confusa, dá voltas sem parar. O mapa tem linhas em ziguezague iguais às dos gráficos de temperatura, e elas provavelmente são as estradas da ilha. (BARRIE, 2012, p. 37).

O brincar e o imaginar na infância garantem que a criança expresse na própria brincadeira situações da vida cotidiana. Por meio da brincadeira ela expressa seus desejos,

anseios e até mesmo medos. No caso da literatura, brincadeira e imaginação ecoam com notas de surreal. Wendy, seus irmãos e os meninos perdidos não tinham compromisso com a realidade empírica e as Terras do Nunca variam muito: “A de João, por exemplo, tinha uma lagoa com flamingos voando em cima, nos quais ele atirava. Já a de Miguel, que era muito pequeno, tinha um flamingo com lagoas voando em cima”. (BARRIE, *idem*).

O faz de conta era tão real para as crianças que em muitos momentos eles não conseguiam fazer separação do que era de fato real ou o que era imaginação; até mesmo quando estavam imaginando que estavam comendo eles acabavam engordando.

Peter Pan, sendo uma obra literária, e mais do que isso, um clássico, revela o que é ser criança e ter sua infância garantida em uma sociedade em mudança, mostrando como é extraordinário o faz de conta na infância das crianças.

O personagem Peter Pan, em vários momentos do enredo, traduz o adulto como um ser desprezível, indigno de qualquer respeito. Um exemplo disso é o Capitão Gancho e seus capangas, os únicos adultos da Terra do Nunca:

Mas é claro que Peter se importava sim, e muito. Sentiu tanto ódio dos adultos, que estavam estragando tudo como sempre, que assim que entrou em sua árvore respirou de propósito bem rápido e curto, fazendo mais ou menos cinco respirações por segundo. Peter fez isso porque, segundo diz um ditado da Terra do Nunca, sempre que você respira, um adulto morre. (BARRIE, 2012, p. 150).

Tudo na Terra do Nunca era verdadeiro para os meninos perdidos porque eles acreditavam que era verdade. Contudo, quando eles foram morar com os Darling, perceberam que estavam esquecendo o que aprenderam na Terra do Nunca, principalmente de voar; na verdade, eles estavam deixando de acreditar ou simplesmente crescendo.

Quando Wendy e Peter voltaram a se encontrar, ela já era uma mulher casada e as lembranças de Peter estavam guardadas em uma caixa, onde ela também guardava seus brinquedos de criança. Sra. Darling, Wendy e Jane⁴ conheceram Peter Pan através de histórias antes de dormir. Durante suas infâncias elas presenciaram e vivenciaram inúmeras aventuras na Terra do Nunca:

⁴ Personagem que aparece no fim da história como filha de Wendy.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº1, janeiro/junho 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

Quando você olhar para Wendy veja seu cabelo ficando branco, e seu corpo ficando pequenininho de novo, pois tudo isso aconteceu há muito tempo. Jane agora é uma adulta como qualquer outra, com uma filha chamada Margaret. E, toda vez que chega a hora de fazer faxina de primavera – a não ser quando ele esquece –, Peter vem buscar Margaret e a leva para a Terra do Nunca, onde ela conta histórias sobre si mesma, as quais ele ouve com grande atenção. Quando Margaret crescer, ela vai ter uma filha, e vai ser a vez dela de ser a mãe de Peter. E assim continuará sendo, enquanto as crianças forem alegres, inocentes e desalmadas. (BARRIE, 2012, p. 220).

Em praticamente todo o enredo, mas principalmente no parágrafo final do livro, Barrie deixa evidente que voar nos céus da Terra do Nunca é privilégio de uma criança – com sua infância garantida.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscarmos compreender as concepções de infância na obra *Peter Pan*, este artigo apresentou cenas que revelam como a criança era representada na época, bem como o processo de mudança de tais concepções.

Por meio da escrita de Barrie, podemos perceber momentos em que a criança tinha e não tinha sua infância garantida. Através das aventuras dos meninos perdidos, de suas irreverências e traquinagens, foi possível perceber um pouco da mudança de concepção de infância que se operava à época. Quando os meninos perdidos estavam na Terra do Nunca tinham sua autonomia, e fica evidente que o faz de conta expõe e dá relevância ao imaginário infantil.

A grande maioria dos personagens da obra apresenta características consideradas infantis. A única personagem que exemplifica de forma significativa a concepção do adulto em miniatura é Wendy, a qual foi representada como figura materna dos meninos perdidos.

A obra apresenta-se como uma divisora de águas na literatura infantojuvenil universal, pois foi escrita quando a infância começava a ser percebida em uma sociedade em

mudança, juntamente com um novo olhar em relação à criança e sua infância. O imaginário infantil é apresentado de maneira surpreendente no enredo da história, revelando que através do lúdico e do faz de conta a criança traduz sua verdadeira identidade. Ao longo do enredo, Peter, Wendy, Miguel, João e os meninos perdidos constroem suas identidades e são donos de suas próprias vontades.

Por se tratar de um clássico da literatura, *Peter Pan* é sempre atual, pois o livro nos interroga, nos interpela em nossa condição de adultos que outrora foram crianças. Escrito há mais de cem anos, a obra se mantém atual exatamente por essas razões.

Peter Pan deixa infinitas contribuições para seus leitores e também para (futuros) professores, principalmente em relação aos estudos sobre a infância.

De acordo com a interpretação realizada, é possível afirmar que Barrie evidencia a importância do brincar na infância, a relevância do lúdico e a necessidade da imaginação. A obra torna-se ainda mais atual porque mesmo com as mudanças que ocorreram no decorrer dos séculos, ainda encontramos a concepção do adulto em miniatura e crianças que não têm sua infância garantida. Que lutar com piratas, viajar em ilhas repletas de fadas ou voar para aventurar-se não seja privilégio somente de algumas, mas sim de todas as crianças.

8 REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe: **História Social da Criança e da Família**. Tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BARRIE, James Matthew. **Peter Pan**. Apresentação Flávia Lins e Silva. Tradução Júlia Romeu. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 6. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

DONZELOT, Jacques. **A Polícia das Famílias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

KHÉDE, Sônia Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Ática, 1986.

KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel; LOPES, Ana Elisabete. **Infância e Produção Cultural**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e cultura da infância**. Pelotas: Caderno de Educação. jul./dez., 2003.

VELAZQUEZ, Diego. **Las Meninas**. 1656. Disponível em: <<http://www.diego-velazquez.org/las-meninas.jsp#prettyPhoto>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 2000.